

Velhice, desejo e descobertas: notas sobre o conto “Uma alegria”, de Cláudia Lage

Old age, desire and discoveries: notes about the story “Uma alegria”, by Claudia Lage

Cristiane da Silva Alves*

RESUMO: O artigo se debruça sobre o conto “Uma alegria”, de Cláudia Lage, a fim de examinar as barreiras, preconceitos e (im)possibilidades que envolvem a sexualidade feminina na velhice. Conforme se verificará, o conto põe em xeque os tabus em torno do envelhecer, especialmente no que diz respeito ao senso comum que considera as pessoas velhas como assexuadas, isentas de desejo, ou incapazes de sentir e provocar prazer. Além disso, mostra que a literatura brasileira contemporânea, sobretudo de autoria feminina, tem promovido novos olhares e protagonismos, para além daqueles já consolidados. As contribuições de Simone de Beauvoir (1990; 2016), Eurídice Figueiredo (2020), Elódia Xavier (2021), Mirian Goldenberg (2012) e Alda Britto da Motta (2011), entre outras, dão suporte às análises.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea; velhice; autoria feminina; Cláudia Lage.

ABSTRACT: The article focuses on Cláudia Lage's short story “Uma alegria”, in order to examine the barriers, prejudices and (im)possibilities that involve female sexuality in old age. As will be seen, the short story challenges the taboos surrounding old age, especially with regard to the common sense that considers old people as asexual, devoid of desire, or incapable of feeling and provoking pleasure. In addition, it shows that contemporary Brazilian literature, especially female authorship, has promoted new views and protagonism, in addition to those already consolidated. The contributions of Simone de Beauvoir (1990; 2016), Eurídice Figueiredo (2020), Elódia Xavier (2021), Mirian Goldenberg (2012) and Alda Britto da Motta (2011), among others, support the analyses.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Literature; old age; female authorship; Cláudia Lage.

*Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar
[...] E então ela se fez bonita
Como há muito tempo não queria ousar.
(Chico Buarque, Valsinha)*

* Professora Visitante no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Canoas, Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou estágio de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES/MEC) junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. E-mail: cristianesalves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1375-1212>.

1 Palavras iniciais¹

Em seu conhecido livro *A velhice*, a filósofa Simone de Beauvoir (1990, p. 257) traz à luz uma série de elementos, registros e análises que demonstram que “a idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados”. Consideradas insatisfatórias, improdutivas e, muitas vezes, indesejáveis, as pessoas que envelhecem são, frequentemente, estigmatizadas, tratadas como peças inúteis e dispendiosas. O velho é apontado como aquele que já não tem nada a oferecer, “que não pode mais trabalhar e que se tornou uma boca inútil” (BEAUVOIR, 1990, p. 51). Essa depreciação, de acordo com a autora, teria se acentuado, principalmente, a partir dos avanços da sociedade rumo à industrialização, quando a sabedoria e a experiência passaram a ser menos valorizadas do que o vigor e a agilidade.

Guardando estreita semelhança com as conclusões de Beauvoir, ao analisar a condição dos velhos, Alda Britto da Motta (2002, p. 38) pondera que:

É como se eles estivessem numa dimensão não produtiva e terminal da natureza – resíduos da natureza, objetos de necessário descarte. Não se reproduzem mais, não produzem trabalho e bens materiais (ou não se permite que produzam, segundo os cânones do capitalismo). Em suma, não reproduziriam a sociedade. Portanto, “não pertencem” a ela.

À medida que cessam as suas capacidades produtivas e/ou reprodutivas, a sociedade considera dispensáveis aqueles e aquelas que envelhecem. Desprezadas, deslocadas, as pessoas velhas tornam-se alvo de exclusão e de abandono, como se já não tivessem nada mais a oferecer. As suas histórias amofinam, a sua aparência incomoda e os seus desejos são, constantemente, motivo de espanto ou de pilhéria. Aos poucos, seu lugar no mundo diminui, perde-se. Sobre isso, Ecléa Bosi (2009, p. 83) menciona:

Ele [o velho] nos aborrece com o excesso de experiência que quer aconselhar, providenciar, prever. Se protestamos contra seus conselhos, pode calar-se e talvez querer acertar o passo com os mais jovens. Essa adaptação falha com frequência, pois o ancião se vê privado

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

de sua função e deve desempenhar uma nova, ágil demais para o seu passo lento.

Não se ignora, é claro, que, desde alguns anos, diferentes setores têm se mobilizado para motivar os idosos a considerarem a velhice como uma etapa da vida ainda profícua, estimulando-os a vivenciarem-na com mais entusiasmo e dinamismo. Cada vez mais, novas alternativas de sociabilização vêm sendo propostas e, além disso, tem crescido consideravelmente os incentivos para a busca ou a continuação de projetos, de forma que se possa eliminar ou, pelo menos, atenuar os estigmas relacionados com o avanço da idade. Pode-se notar, nas últimas décadas, um reiterado encorajamento à busca de autonomia, ao contato com grupos e associações e, sobretudo, ao envelhecimento com maior qualidade e prazer, o que, em muitos casos, tem estimulado a independência e resultado em um saldo favorável.

Ao mesmo tempo, porém, evidencia-se certa tendência ao que Guita Grin Debert (2012, p. 14) designa como “processos de reprivatização”, o que implica em transferir-se ao indivíduo a responsabilidade pela própria velhice, que, de acordo com a autora, “poderia então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais” (DEBERT, 2012, p. 14). Não se pode perder de vista, neste aspecto, que o aumento da expectativa de vida, assim como permitiu um olhar mais otimista acerca do envelhecimento, também acarretou maiores cobranças com relação à manutenção e aos cuidados individuais. Ampliaram-se visivelmente os discursos em torno da preservação da juventude, buscando-se e divulgando-se mais e mais recursos para atingir tal objetivo, em um movimento de constante exaltação do corpo saudável, ativo e atraente. Como consequência, tornou-se imperativo, tanto quanto possível, combater ou mascarar a velhice e seus resultados mais aparentes. Neste sentido, Debert (2012, p. 22) aponta:

[...] esse compromisso da sociedade com o envelhecer positivo leva a um conjunto de práticas que, ao oferecer oportunidades constantes para a renovação do corpo, das identidades e autoimagens, tende a encobrir os problemas próprios da idade mais avançada. O corpo ingovernável, as traições que o corpo faz às vontades individuais são, antes, percebidas como frutos de transgressões conscientemente impetradas, abominações da natureza humana.

O corpo ideal, almejado e aclamado por uma considerável parcela da sociedade, é aquele que é exibido recorrentemente nas revistas, anúncios publicitários e na mídia em geral, ou seja, o corpo jovem e bem conservado, que exala frescor e vitalidade. Nesse, não há lugar para rugas, flacidez, manchas e outras marcas que denunciam a passagem do tempo. De tal modo, as pessoas que não conseguem ou simplesmente não querem ocultar as evidências do envelhecimento e das transformações físicas e biológicas que ele acarreta, tendem a ser menosprezadas.

A marginalização, bem como a exclusão de quem envelhece, é ainda mais evidente no que diz respeito a (quase sempre infrutífera) busca por parcerias amorosas e/ou sexuais. Em que pesem os propagados avanços, em especial nas décadas mais recentes, ainda é possível constatar que “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória” (BEAUVOIR, 1990, p. 10). Não são poucos os tabus que, mesmo na atualidade, costumam atingir as pessoas idosas, como se apaixonar-se, envolver-se, seduzir e ser seduzido fossem privilégios reservados somente à juventude.

Nesse sentido, ao debruçar-se sobre o conto “Uma alegria”, de Cláudia Lage, o presente artigo busca refletir acerca das barreiras, preconceitos e (im)possibilidades que envolvem a sexualidade feminina na velhice. Da mesma forma, intenta-se demonstrar de que maneira a autora, em uma guinada pouco comum na literatura tradicional, conduz a protagonista à (re)descoberta do corpo e do prazer.

2 Entre o desejo e a desvalia

Antes de aprofundar a discussão, é forçoso referir que, apesar de os efeitos negativos da velhice atingirem tanto os homens quanto as mulheres, há notáveis diferenças entre eles, de acordo com Beauvoir (1990, p. 394): “Biologicamente, os homens levam as maiores desvantagens; socialmente, a condição de objeto erótico desfavorece as mulheres”. Sobre elas, invariavelmente, recaem as maiores e mais cruéis exigências. Como refere Elódia Xavier (2021, p. 91), “a cultura

dominante impõe-lhe padrões de beleza e juventude”. Esses, não podendo ser mantidos *ad aeternum*, levam as mulheres a um espiral de desgaste e frustração.

Na medida em que vão envelhecendo e, por conseguinte, passam a experienciar e a exibir sinais que denunciam a diminuição do viço e do vigor dos verdes anos, elas deixam de atender aos padrões esperados pela cultura dominante, tornando-se cada vez menos atraentes, ou antes, perdendo pouco a pouco a condição de “objeto erótico”. Para a sociedade, então, “tornam-se cartas fora do baralho”, como bem observa Elódia Xavier (2021, p. 92).

No contexto brasileiro, notadamente, a antropóloga Mirian Goldenberg (2012, p.48) salienta que, “além de um capital físico, o corpo é, também, um capital simbólico, um capital econômico e um capital social”. Deste modo, o corpo feminino envelhecido que, como tal, deixa de ser apreciado, tem seu valor inevitavelmente diminuído.

Diante disso, em que pese o fato de as mudanças e suas consequências serem vivenciadas, sentidas ou exteriorizadas de diferentes maneiras, o envelhecimento feminino acaba sendo, quase sempre, associado a um processo de perda, tanto de papéis quanto de prestígio, uma vez que acarreta para a mulher dupla discriminação – como mulher e como idosa. A este respeito, Debert (2012, p. 140) ressalta:

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade.

Importa mencionar, além disso, que as queixas em torno dos prejuízos e impasses concernentes ao envelhecer podem ser verificadas inclusive entre aquelas que logram se destacar em outros aspectos, que não apenas a maternidade, os cuidados com os filhos e o espaço doméstico. Foi o que comprovou Goldenberg (2012) em sua pesquisa, realizada na cidade do Rio de Janeiro, quando cuidou de analisar as declarações de diferentes mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos, todas pertencentes às camadas médias e altas. Apesar dos incontáveis avanços e conquistas que abrangem desde a realização profissional

até a liberdade na vida amorosa e sexual, a pesquisadora constatou que “a ênfase na decadência do corpo, na falta de homem e na invisibilidade social é uma característica marcante no discurso das brasileiras” (GOLDENBERG, 2012, p.50).

Mesmo quando chamam a atenção e são consideradas desejáveis, ou seja, quando são ainda capazes de, a despeito do envelhecimento, atraírem olhares e/ou parceiros, não são poucas as barreiras sociais e os constrangimentos envolvidos. Entre esses, pode-se verificar, com notável frequência, a censura, a intromissão e a pressão das pessoas próximas, com destaque para a “tentativa de interferência, ou até ingerência, dos membros mais novos da família sobre a vida – atividades, saídas, uso do dinheiro, até vida sexual-afetiva – dos seus idosos, principalmente das mulheres” (BRITTO DA MOTTA, 2011, p.19). Não por mero acaso, muitas delas externam o desejo de morar sozinhas e, em alguns casos, acabam realmente optando por isso.

Seja como for, não é propriamente novidade que, para uma significativa parcela das mulheres que envelhecem, há a necessidade, ou antes, a dificuldade de garantir o seu lugar no mundo. Isso porque, uma vez que tenham cumprido os papéis tradicionalmente previstos, de esposa e mãe, a sociedade não hesita em relegá-las a um espaço marginal, indiferente à sua existência e aos seus anseios. Resta-lhes, quando muito, a condição de avó, esperando-se, neste caso, que atuem resignadamente como cuidadoras dos netos.² As mulheres velhas que ousam reivindicar liberdade para, ainda, realizarem-se pessoal, afetiva e/ou sexualmente, geralmente causam perplexidade e, não raro, revolta. Assim tem sido ao longo dos anos, inclusive nas representações artísticas, que não costumam acolher com naturalidade aquelas que, de alguma forma, “destoam” dos moldes tradicionais.

² O que pode ser facilmente observado, por exemplo, no romance *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, no qual Norinha, filha da protagonista Alice, manipula a mãe para que ela abandone a cidade em que mora, os amigos e os planos que guardara para quando alcançasse a aposentadoria. O intuito da moça, mais do que o desejo de proximidade, era que Alice estivesse plenamente disponível para os cuidados com o(s) neto(s) ou neta(s) que ela, em algum momento, haveria de ter. Isso porque, no entendimento da filha, a velhice implica em não mais do que tempo livre e ausência de projetos, pensamento que, sabidamente, não se restringe apenas ao âmbito ficcional.

É o que se pode constatar, por exemplo, no conto “Mais vai chover”, de Clarice Lispector (1998), publicado no livro *A via crucis do corpo*. Nele, a personagem Maria Angélica, uma viúva de sessenta anos, carente de companhia, torna-se amante de Alexandre, um rapaz de dezenove anos que, de acordo com a voz narradora, suporta-a com nojo, por interesse apenas. Quando os recursos da velha mulher se esgotam, não sendo mais possível atender às exigências do jovem, que resultam cada vez mais exorbitantes, o jovem exhibe a sua irritação e o seu desdém, lançando sobre ela uma série de impropérios e humilhações que, em seguida, culminam no abandono da parceira.

Em “Ruído de passos”, outro conto de Lispector, publicado no mesmo livro, a personagem Cândida Raposo é ainda mais velha: tem oitenta e um anos. O passar do tempo, porém, não foi capaz de fazer cessar a sua libido. Essa é a razão pela qual, apesar do constrangimento, ela toma coragem e recorre a uma consulta com o ginecologista, em busca de alguma solução. É com piedade, então, que o médico lhe responde que não existe remédio, que o desejo não passa, há de perdurar até a morte. Atônita, ocorre à velha mulher a ideia de tentar sanar o seu “mal” pagando alguém, o que o ginecologista logo descarta, lembrando que, na idade dela, não adiantaria. Ausentes quaisquer outros recursos, sua satisfação só pode ser alcançada por meio de um ato solitário, o que lhe causa tristeza e embaraço.

Ambos os contos expõem uma face cruel da velhice feminina que, cercada de toda a sorte de preconceitos e interditos, carrega o desejo e o sexo tão somente como impossibilidades, como fardos para os quais não há meios “dignos” de se liberar. Quando, inconformadas, as mulheres velhas insistem em pleitear posições que escapam aos padrões estabelecidos, elas são, com frequência, rechaçadas e condenadas à solidão. Na literatura, como na vida, a partir de certa idade, não sobra muito para as mulheres, além de resignar-se e sair de cena para dar lugar às jovens.

Mais recentemente, porém, é possível verificar que vêm crescendo as narrativas, em especial as de autoria feminina, que têm se insurgindo contra os papéis femininos histórica e socialmente impostos. Nessas, observa-se que as autoras cuidam de apresentar outras perspectivas, inclusive no que tange à realização afetiva e sexual. É o que indica Eurídice Figueiredo (2020, p. 243), em

suas pesquisas sobre o tema: “Contrariando o senso comum que considera que mulheres velhas não praticam sexo, nem se interessam por esse assunto, algumas escritoras mostram que não é bem assim”.

À guisa de exemplo, pode-se mencionar Livia Garcia-Roza, autora de *Milamor* (2008) e *Amor em dois tempos* (2014), como também Rosângela Vieira Rocha, autora de *Invisíveis olhos violeta* (2022). Na contramão das personagens jovens e suas questões existenciais que costumam dominar o cenário literário,³ os mencionados livros dessas escritoras dão voz a protagonistas maduras, às voltas com o avanço da idade, as mudanças do corpo, as pressões sociais e familiares que, contudo, elas tratam de driblar, cada uma a seu modo. Nessas narrativas não faltam referências aos desejos e impulsos amorosos e/ou sexuais que, apesar do preconceito, dos constrangimentos e dos inúmeros entraves, as personagens tentam atender.

3 O corpo velho ainda pulsa

Nascida no Rio de Janeiro, Cláudia Lage é escritora e roteirista, autora do livro de contos *A pequena morte e outras naturezas* (2000), bem como do romance histórico *Mundos de Eufrásia* (2009), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010, na categoria Autor Estreante, e da coletânea de crônicas *Labirinto da palavra* (2013), que recebeu, em 2014, o Prêmio de Literatura de Brasília e foi finalista do Prêmio Portugal Telecom. Além disso, seu romance *O corpo interminável* (2019) conquistou o Prêmio São Paulo de Literatura 2020.

O conto “Uma alegria”, aqui tomado como objeto de análise, foi vencedor do concurso Guimarães Rosa/Rádio França Internacional, em 2001, e publicado na coletânea *25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004), organizada pelo escritor Luiz Ruffato. Narrado em terceira pessoa, sua trama gira em torno de uma senhora, casada há quarenta anos, avó, de cabelos brancos. Embora seu desejo permaneça vivo, há tempos ela não mantém relações sexuais

³ Merecem atenção, neste aspecto, as pesquisas da professora Regina Dalcastagnè (2021, p. 125) que, tendo realizado um levantamento sobre as personagens dos romances brasileiros publicados entre 1990 e 2014, apurou que apenas 11,5% das personagens então representadas são homens velhos, valor que se mostra ainda menor no que diz respeito às personagens femininas velhas, cuja representação corresponde a 10,3% somente.

com o esposo, com quem nunca experimentou mais do que carinho e afeição, algo que, até então, lhe parecia normal. Entretanto, em uma revista folheada ao acaso, na sala de espera do consultório do dentista, uma reportagem provoca um abalo em sua rotina:

O que a intrigou foi um depoimento. Uma senhora de 60 anos disse que nunca tinha conhecido a felicidade no amor – o que ela entendeu: na cama – com o marido. O que fez essa pobre senhora pensar a vida inteira que não gostava de sexo. Pois bem, um belo dia um senhor se declarou para ela, pensando que era viúva. Depois de muito hesitar, a doce senhora aceitou a corte – o que ela entendeu como: *traíu o marido, tornando-se amante do senhor*. E aí está o ponto que não saía de sua cabeça: a senhora gostou! Gostou desse senhor, do sexo com esse senhor! Disse que ele fazia coisas que ela nunca imaginara e que o marido nunca sequer pensara em fazer. E o que essa senhora disse sentir foi de uma intensidade um esplendor uma maravilha! Era isso que a estava enlouquecendo: pois também sentia o desejo – mesmo com a sua idade sentia. E se sentia o desejo por que não sentiria o prazer? (LAGE, 2004, p. 167, destaques da autora.)

A leitura da revista lhe fornece uma revelação que, ao mesmo tempo que aguça a sua curiosidade, a perturba. Após tantos anos ao lado do marido, ela se dá conta de que pouco sabe sobre o amor; é leiga no que se refere às alegrias da carne. De repente, com espanto e, ao mesmo tempo, com interesse, constata que, para além dos beijos e abraços, há algo mais. A personagem, porém, nunca tinha conhecido tais deleites, ainda que existissem – como viera a saber – para muitas mulheres, inclusive para senhoras “respeitáveis” como era o seu caso:

Não conhecia a carne do amor. Do amor só conhecia a sensação romântica de enamorar-se. E agora depois de velha descobria que havia uma alegria maior nesse mundo. E pior: que lhe era totalmente desconhecida. Havia um sabor intenso que nunca provaria, um abandono que nunca se permitira. (LAGE, 2004, p. 169.)

Disposta a obter, também ela, as delícias anunciadas pelo depoimento da velha mulher com a qual tanto se identificara, a protagonista assume uma nova postura que, pouco a pouco, a fará distanciar-se do marasmo e da acomodação que vinham povoando os seus dias. De tal modo, ela resolve permitir-se, aproveitando-se de um momento em que está a sós em casa, dar vazão aos apelos do seu corpo e percorrê-lo com as mãos, certa de que “podia ser de um grande

valor instrutivo. Sim, pois tocar-se é também descobrir-se, é também conhecer-se, dizia o artigo na revista” (LAGE, 2004, p. 169).

Começa, assim, sua busca pela satisfação que, se ocorria às outras, por que não haveria de ser alcançada por ela? Desacostumada ao toque, contudo, a sua iniciação é desajeitada. Mesmo fechando os olhos e imaginando debaixo de si “um homem forte, de sexo forte” (LAGE, 2004, p. 162), não consegue atingir o aguardado clímax. Ignorando os caminhos e as possibilidades que o corpo podia lhe oferecer, não obtém nada além de frustração: “Pensou em desistir, vai ver não gostava mesmo dessa porcaria. Vai ver todo mundo mente dizendo que é bom. Bom coisa nenhuma. Pois ela achava aquilo um horror, uma pouca-vergonha, uma safadeza. Uma porcaria mesmo” (LAGE, 2004, p. 163).

A narrativa revela, entre outras questões, que a discriminação, os tabus e o desdém acerca da sexualidade das mulheres velhas, de tão enraizados, não partem apenas de pessoas externas; algumas vezes, ironicamente, as próprias envolvidas tratam a libido e o sexo como vergonhosos ou imorais. Isso ocorre, geralmente, por desinformação ou, ainda, em razão da “pressão da opinião”, conforme esclarece Beauvoir (1990, p. 393):

A pessoa idosa dobra-se ao ideal convencional que lhe é proposto. Teme o escândalo, ou simplesmente o ridículo. Torna-se escrava do “o que vão dizer”. Interioriza as obrigações de decência e de castidade impostas pela sociedade. Seus próprios desejos a envergonham, e ela os nega: recusa-se a ser, aos seus próprios olhos, um velho lúbrico, uma velha devassa.

É o que se observa com a personagem do conto que, após uma tentativa não muito exitosa, na qual alcança apenas irritação em lugar do gozo pretendido, pensa em abrir mão de novas investidas sexuais, “pois a vida inteira lhe falaram lhe enfiaram na cabeça que isso era safadeza bobagem que isso não existia” (LAGE, 2004, p. 169). O contato com outras perspectivas, porém, já havia semeado nela a dúvida e, com essa, a vontade de buscar e sentir prazer. O artigo lido na revista, ao estampar uma situação que, afinal de contas, não era muito diferente do que ela própria vivenciava, cuidara de pôr em xeque aquilo que “a vida inteira lhe falaram”.

A constatação de que “havia muita coisa nesse mundo que não sabia e queria precisava saber” (LAGE, 2004, p. 169) sobrepõe-se, no texto, à sua decepção com a tentativa malsucedida. A curiosidade e a ânsia por desvendar o que sempre lhe fora interdito, bem como a persistente vontade de conhecer a tão apregoada alegria, levam a personagem a insistir um pouco mais, sem pressa, sentindo o próprio corpo e o ritmo que esse demandava. Entre hesitações e experimentos, ela relaxa e descobre, finalmente, as sensações que o toque é capaz de lhe proporcionar “– ao mesmo tempo em que pensava – Nossa! – meu Deus – então era isso” (LAGE, 2004, p. 171).

A partir do momento em que descobre a satisfação sexual, tudo ao seu redor parece tornar-se mais vivo e pulsante, como se a apatia que povoava o seu lar e os seus dias tivesse, enfim, se rompido. Já não havia lugar para a sopa sem gosto e, tampouco, para a existência insípida que ela e o marido, há tempos, compartilhavam. Apesar de não ostentar grandes mudanças, o conto demonstra que essas são, de algum modo, sentidas pelo homem. Ao chegar em casa, depois de passar a noite jogando buraco com os amigos, mesmo sem compreender exatamente por quê, ele é tomado por um forte desassossego:

Parecia tudo igual, mas teve a sensação que as coisas estavam mais arrumadas mais bonitas. Também se surpreendeu ao entrar na cozinha, na pia havia restos de comida, macarrão bife batata linguça. Ele olhou aquilo, estranhando tudo. Viu também uma taça ainda com um pouco de vinho. Tinto. Achou tão esquisito. (LAGE, 2004, p. 171-172.)

Seu estranhamento é ainda maior quando, durante a madrugada, acorda sobressaltado com a movimentação da esposa ao seu lado. Inicialmente, imagina que a agitação da mulher é decorrente de um pesadelo. Examinando melhor, porém, vê que ela está com a mão enfiada entre as pernas, mexendo “lá dentro” (LAGE, 2004, p. 172). Diante da cena inusitada, pensa em acordá-la, mas é surpreendido por uma série de suspiros, que o deixam completamente chocado: “Mas o que é isso? Que pouca vergonha é essa?, foi dizendo – não para ela – mas para si mesmo” (LAGE, 2004, p. 172-173).

Seu assombro, ao que tudo indica, provém de uma ideia moralista e limitante que identifica como inadequada a conduta que, supostamente, atenta contra a decência e o modelo esperado de comportamento, especialmente entre

peessoas de idade avançada. Além disso, pesa o fato de, há anos, ele ter mentido para a esposa, dizendo que se tornara impotente, apenas para testá-la, para que ela sentisse falta. Diante da aparente resignação da mulher, que não reclamara, não falara nada, ele, ofendido, entendeu que ela estava aliviada, que “no fundo, ela agradecia ‘o fim daquela sem-vergonhice’. Pois os filhos já estavam criados os netos crescidos, para que continuar com aquilo?” (LAGE, 2004, p. 175).

Como muitos outros de sua geração, ele aceitou como certo e “natural” o que, usualmente, se comenta acerca da (inexistência de) sexualidade feminina na velhice. Fora influenciado, como se pode depreender, pelo discurso corrente de que as mulheres, após certa idade, não têm qualquer interesse carnal e que as atividades sexuais representam um fardo que, muito agradecidas, elas se desincumbem tão logo é possível.

Nesse aspecto, é oportuno referir que a ausência de desejo, especialmente no caso de parceiras idosas, em geral não causa estranhamento porque, conforme esclarece Maria Rita Kehl (2008, p. 63), “depois de muitas gerações de mulheres educadas para a contenção dos chamados ‘instintos’, conseguiu-se que a frigidez fosse um estado mais ou menos normal entre as senhoras casadas”. Assim, não é por mero acaso que tenham se alastrado as crenças de que, em dado momento, que pode ser muito antes da chegada da velhice, as mulheres já não tenham qualquer interesse sexual. Sob esta ótica, passou-se a acreditar e a propagar que a maternidade e os cuidados com o lar lhe bastariam, que seriam a fonte de todas as suas realizações.

Não é à toa que, no conto de Cláudia Lage, o homem se mostra claramente perturbado. Por aderir ao pensamento dominante que, de tão repetido, costuma soar como verdade, foi que ele, provavelmente, ficou abalado ao flagrar a “transgressão” justamente na sua cama, executada pela “sua senhora”. Ela, que parecia conformada em ser apenas esposa, avó, companheira, tendo aceitado sem quaisquer reivindicações o fim do sexo entre eles, em consonância com o previsto para uma mulher de sua idade, de acordo com os padrões há muito arraigados e que ele mesmo julgava respeitar:

Por isso não entendia – como entender? Tá certo que, depois de tantos anos de casamento, ele próprio também não se entusiasmava muito, mas achava que era aquilo mesmo que para ele estava bom. Só que

também tinha certos pudores com ela, achava que com algumas coisas ia se assustar, se espantar, podia achar que era falta de respeito. (LAGE, 2004, p. 175.)

Por consequência, ao vê-la suspirar de prazer, como nunca, satisfeita e entregue – sem a participação dele –, um sentimento de traição, misturado com tristeza, paira no ar: “De repente, e pela primeira vez na vida, teve assim, uma vontade doida de chorar” (LAGE, 2004, p. 174). Todas as suas crenças e pudores com a esposa só serviram para que, após quarenta anos de casamento, ele descobrisse que ela não apenas gostava de sexo, como alegrava-se agindo sozinha. “Por quê?, se perguntava, Como? Desde quando? Não entendia, não conseguia entender” (LAGE, 2004, p. 174). Para buscar essas e outras respostas, ele, afastando-se da figura de marido e de senhor respeitável, resolve assumir a condição de espectador furtivo das atividades da mulher e, depois de fingir sair de casa, contorna escondido o próprio quintal para poder espioná-la:

Foi se aproximando da janela da sala. Ouviu então som de música. Uma canção antiga, que ele já havia esquecido. Ela tinha colocado o disco na vitrola, e estava na cadeira de balanço, balançando na suavidade da música. A cabeça um pouco tombada para o lado, os olhos um pouco fechados. Estava bonita assim, ele achou. E perdeu a noção do tempo, ali, admirando-a. Novamente, as lágrimas subiram em seus olhos. (LAGE, 2004, p. 174.)

O que se passa nesse momento denota uma dupla transformação: dela, que se mostra mais leve, relaxada, bonita, e dele, que a admira e chega a emocionar-se diante do que vê. O fascínio do homem se prolonga quando a esposa se encaminha para o quarto e ele, ainda, oculto, mantendo a atitude que se assemelha à de um moleque curioso e espião, segue observando-a:

[...] quando ela chegou no quarto, ele já estava no canto da janela, à espreita. Ela então se deitou na cama, as mãos sobre o peito. Ainda acompanhava a música, cantando baixinho. Quando soltou os cabelos, brancos, compridos, ele reparou como eles descendo pelos ombros ficavam bonitos. Gostou também de ver a silhueta da sua mulher deitada, como um desenho, toda alongada. Suavemente, ela foi descendo as mãos pelas pernas e ele as viu pálidas marcadas – vividas. E, quando tirou a camisola, num susto, viu também a pele dela um pouco enrugada seca franzida. Olhou então para o peito os seios e achou que mesmo com a idade de netos e filhos eles ainda conservavam a sua graça formosura. Pensou que se olhasse para o próprio corpo com certeza ele estaria assim também. Não reparava muito no próprio corpo. (LAGE, 2004, p. 175.)

A escrita de Cláudia Lage, delicada, sensível, apresenta outra perspectiva sobre a mulher velha, dando destaque não para as suas limitações, como habitualmente ocorre, mas para as suas possibilidades e para os encantos que, apesar das marcas do tempo, ainda se fazem notar. O corpo feminino envelhecido, em sua narrativa, é atraente não porque se aproxime, em qualquer medida, do padrão de beleza da juventude, mas sim por atributos próprios, que se revelam para quem sabe ou, como no conto, aprende a vislumbrar aquilo que vai além da carne firme e da pele lisa e viçosa. Sob o manto da autoria feminina, delineia-se uma personagem que, muito mais do que mero objeto erótico que, para atrair, deve moldar-se às exigências e idealizações do outro, há uma mulher. Em plena posse de si, sem qualquer afetação ou obrigatoriedade, sua simples presença deslumbra aquele que, em segredo, assumindo a posição de *voyeur*, a contempla.

O conto ainda demonstra que, uma vez que a mulher enfrentou seus receios e preconceitos e permitiu-se ousar, experimentando e descobrindo o próprio corpo, não apenas transformou a relação consigo mesma como, também, abriu caminho para que o marido, diante do seu exemplo, desse um novo passo, ressignificando o seu casamento. Finalmente ciente dos desejos da esposa e de como ela os saciara, ele deixa de lado os antigos pudores e, à noite, surpreende-a buscando seu corpo na cama, aconchegando-a e oferecendo-se não apenas como companheiro de sonhos e de jornada, mas como homem. A relação de ambos, a partir de então, entra em um processo de renovação:

Por sete dias e sete noites não saíram da cama não tiveram outra vida. Ele disse: enfim posso morrer pois agora conheço a verdade escondida em todas as coisas: o sabor de cada tempo, a delícia. Ela riu dizendo: morrer não mas agora enfim posso ao menos entender o que é tirar a roupa e ficar desse jeito solto – não despida nem exposta: nua. (LAGE, 2004, p. 178.)

Conforme se verifica, o texto põe em xeque os tabus em torno da velhice, especialmente no que diz respeito ao senso comum que considera as pessoas velhas como assexuadas, isentas de desejo, ou incapazes de sentir e provocar arrebatamento. Vale notar, especialmente, que o erotismo feminino não aparece

apenas a serviço do parceiro, para aguçá-lo e garantir a sua satisfação como, frequentemente, ocorre em narrativas produzidas por homens, ou apresentadas sob a ótica masculina. No conto de Cláudia Lage, antes de tudo, o corpo erotizado da mulher busca proveito próprio.

A relação que se estabelece depois, deleitando-se junto ao marido, compartilhando com ele os momentos de prazer, é consequência, antes de tudo, da sexualidade exercida a sós. Flagrada por ele, mesmo sem saber, a mulher possibilitou que o marido (re)descobrisse a sua beleza, os encantos que ela ainda mantinha. Além do mais, espreitar a atuação íntima da esposa ajudou-o a perceber de que maneiras podia/devia tocá-la. Somente após espionar pela janela, em atitude semelhante à de um moleque, admirando escondido a intimidade da mulher, ele pôde, finalmente, desvendar quais caminhos do corpo feminino precisaria percorrer se quisesse levá-la a alcançar com ele o mesmo abandono presenciado em sua performance solitária.

4 Considerações finais

Ainda que se saiba que a literatura não tem a obrigação ou o escopo de (re)compor junto à sociedade o lugar daqueles que permanecem à margem, é com preocupação que se observa “que os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida ainda o mundo acadêmico” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 140).

Ao analisar-se o conto de Cláudia Lage, entretanto, é visível a contribuição da escritora para romper com o silenciamento em torno do envelhecer e das questões relacionadas às pessoas velhas. Por meio da escrita leve e, em especial, cuidadosa, o enredo esboçado em “Uma alegria” mostra que a idade avançada pode ser vivenciada de maneiras diversas, que não se vinculam unicamente a perdas e a modelos preestabelecidos, podendo, também, representar uma fase de novos estímulos e potencialidades. A protagonista, no texto de Lage, rompe com os padrões e estereótipos recorrentemente associados às mulheres velhas. O conformismo e a resignação, em sua narrativa, dão lugar a experimentação, à ousadia e a busca por uma vivência (ainda) significativa.

No decorrer do texto, é possível constatar-se não apenas um (re)aprendizado do corpo e dos momentos íntimos da personagem, como também uma renovação do relacionamento com a própria essência e, de igual modo, com o seu companheiro. Ambos, homem e mulher reconhecidamente velhos, ainda que exponham as suas próprias fragilidades, não se rendem a essas; ao contrário, uma vez que assumem os seus desejos e, da mesma forma, as suas frustrações, logram se (re)ajustar e estabelecer novos modelos de troca e de parceria. Juntos, eles encontram a própria receita para conviverem e se realizarem tanto afetiva quanto sexualmente. Distanciando-se em larga medida das imagens pré-concebidas e cerceadoras que, frequentemente, são associadas à velhice, os dois não apenas (re)conhecem os seus limites, como também – e principalmente – as suas capacidades. Libertos de idealizações e de tabus, os personagens (re)conquistam na maturidade o espaço que, quase sempre, é reservado apenas aos jovens.

De tal modo, não será demais reafirmar o quanto a narrativa de Lage é relevante e digna de atenção. Ao incluir personagens velhas em sua produção ficcional, a escritora coopera para dar-lhes visibilidade e, se não é capaz de pôr a termo, ao menos diminui o ainda persistente apagamento e toda a sorte de estereótipos e estigmas em torno dos velhos e velhas que nos circundam, nos habitam ou nos espreitam.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*, volume 2. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. *Ex aequo*. Vila Franca de Xira, nº 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de; COIMBRA JR, Carlos E. A. (Orgs.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 37-50.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan.-abr. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso em: 04 ago. 2023.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

GARCIA-ROZA, Livia. *Amor em dois tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GARCIA-ROZA, Livia. *Milamor*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia-MG, v. 25, n. 2, p. 46-56, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21803/11965>. Acesso em: 04 ago. 2023.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LAGE, Claudia. Uma alegria. In: RUFFATO, Luiz (Org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

ROCHA, Rosângela Vieira. *Invisíveis olhos violeta*. Rio de Janeiro: Ventania Editorial, 2022.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

[Artigo recebido em 06 de agosto de 2023 e aceito em 21 de novembro de 2023].